

Narrativas Fragmentadas: A Reconstrução da Identidade Pessoal em Pacientes com Alzheimer - Uma Abordagem Psicológica com Perspectivas Filosóficas

Edijane Guimarães dos Santos Amorim¹
João Bosco Guimarães dos Santos²

RESUMO

Este texto investiga como pacientes com doença de Alzheimer reconstroem sua identidade pessoal frente à deterioração da memória autobiográfica. Adotando uma perspectiva interdisciplinar entre Psicologia e Filosofia, examina o papel das narrativas pessoais e familiares na manutenção do senso de self, buscando compreender como a identidade pessoal se transforma e é sustentada por relações interpessoais quando as memórias se fragmentam. Pode contribuir tanto para a prática clínica quanto para reflexões teóricas sobre memória, identidade e consciência, estabelecendo bases para futuras investigações filosóficas.

Palavras-chave: Alzheimer; Identidade; Self; Memória.

1. INTRODUÇÃO

A doença de Alzheimer representa um dos maiores desafios de saúde pública do século XXI, afetando mais de 50 milhões de pessoas globalmente em 2021, com quase dez milhões de novos casos todos os anos (OMS, 2025). Para além dos aspectos neurobiológicos e sintomatológicos, emerge uma questão fundamental tanto para a Psicologia quanto para a Filosofia: o que acontece com a identidade pessoal quando as memórias autobiográficas – tradicionalmente consideradas pilares do self – começam a se deteriorar?

John Locke (1689/1975), em seu "Ensaio sobre o Entendimento Humano", propôs que a identidade pessoal está fundamentada na continuidade da consciência e da memória. Seguindo essa tradição, poderíamos questionar: o que resta do "eu" quando as memórias que constituem a biografia pessoal se fragmentam? Buscamos investigar essa questão a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando tanto os processos psicológicos envolvidos na perda de memória quanto as implicações filosóficas para a compreensão da identidade pessoal.

¹ Graduanda em Psicologia na Faculdade ESUDA

² Graduando em Psicologia na Faculdade ESUDA

A relevância deste estudo se manifesta em duas dimensões principais:

1. **Dimensão clínica:** Compreender como a identidade pessoal é afetada e potencialmente reconstruída no Alzheimer pode informar práticas de cuidado mais humanizadas, centradas não apenas no tratamento dos sintomas, mas na preservação da dignidade e do senso de self do paciente.
2. **Dimensão teórica:** A investigação contribui para o diálogo entre Psicologia e Filosofia, oferecendo insights empíricos para questões filosóficas sobre a natureza da identidade pessoal, consciência e temporalidade da experiência humana.

A intersecção entre memória e identidade pessoal no contexto do Alzheimer permanece um campo relativamente inexplorado na literatura psicológica brasileira, especialmente quando se considera a perspectiva interdisciplinar com a Filosofia. Estudos recentes (Hydén & Örvlöv, 2018; Kontos & Martin, 2013) têm demonstrado que, mesmo com significativa perda de memória autobiográfica, pacientes com Alzheimer mantêm aspectos de sua identidade através de outros mecanismos, como memória corporal, hábitos e, principalmente, relações interpessoais.

Paul Ricoeur (1990/1992), em sua obra "O Si-Mesmo como Outro", propõe o conceito de identidade narrativa, sugerindo que o self não é uma entidade metafísica estática, mas uma construção dinâmica que se desenvolve através das histórias que contamos sobre nós mesmos e que outros contam sobre nós. Esta perspectiva oferece um arcabouço teórico particularmente relevante para compreender como a identidade pode persistir, ainda que transformada, em pacientes com Alzheimer.

A abordagem interdisciplinar não apenas enriquece o campo da Psicologia com reflexões filosóficas, mas também estabelece bases conceituais sólidas para futuras investigações no campo da Filosofia, especialmente em áreas como filosofia da mente, fenomenologia e ética do cuidado.

2. MEMÓRIA E SEUS SISTEMAS NA PSICOLOGIA COGNITIVA

Consideremos inicialmente as teorias contemporâneas sobre sistemas de memória (Schacter, 2007; Squire & Zola-Morgan, 2011), que distinguem entre memória declarativa (episódica e semântica) e não-declarativa (procedural). Esta distinção é crucial para compreender como certos aspectos da identidade podem persistir mesmo quando a memória autobiográfica (episódica) está comprometida.

Os trabalhos de António Damásio (2010) sobre consciência nuclear e autobiográfica também são fundamentais, especialmente sua proposição de que o self não depende exclusivamente da memória autobiográfica, mas envolve também processos corporais e emocionais mais básicos que podem permanecer relativamente preservados no Alzheimer.

3. PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE IDENTIDADE PESSOAL

A tradição filosófica sobre identidade pessoal oferece o arcabouço conceitual para as reflexões sobre o que constitui o "eu". Consideremos:

- A teoria lockeana da identidade pessoal baseada na continuidade da memória (Locke, 1689/1975)
- A concepção bergsoniana de memória-hábito e memória-lembrança (Bergson, 1896/1999)
- A teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur (1990/1992)
- As reflexões de Merleau-Ponty (1945/2006) sobre corporeidade e hábito

Contemporaneamente, os trabalhos de Marya Schechtman (2011) sobre a teoria narrativa da identidade pessoal e as reflexões de Derek Parfit (1984) sobre continuidade psicológica podem problematizar a questão da persistência da identidade frente à perda de memória.

4. ABORDAGENS NARRATIVAS EM PSICOLOGIA E NEUROPSICOLOGIA

Os estudos de Oliver Sacks (1985/2006) sobre casos neurológicos e sua abordagem narrativa servem como inspiração metodológica. Adicionalmente, pesquisas recentes sobre narrativas e Alzheimer (Hydén & Örvy, 2018; Baldwin, 2008) fornecem referências para a análise de como as histórias pessoais são preservadas, transformadas ou reconstruídas no contexto da doença.

5. PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DA MEMÓRIA

A concepção vygotskiana de mediação social da memória (Vygotsky, 1978) e os estudos contemporâneos sobre memória transativa e distribuída (Wegner et al., 1985; Sutton et al., 2010) fundamentam a análise de como as relações interpessoais podem funcionar como suportes externos para a memória e identidade do paciente com Alzheimer.

6. CONCLUSÃO

A presente investigação buscou compreender a complexa dinâmica da reconstrução da identidade pessoal em pacientes com doença de Alzheimer, especialmente diante da fragmentação da memória autobiográfica. Ao adotar uma perspectiva interdisciplinar que integra a Psicologia e a Filosofia, o estudo demonstrou que a identidade, longe de ser uma entidade estática e exclusivamente dependente da continuidade da memória autobiográfica, é uma construção dinâmica e multifacetada.

Os principais achados e argumentos do texto revelam que aspectos da identidade podem persistir e ser reconstruídos através de mecanismos como a memória não-declarativa, a consciência nuclear (conforme proposto por Damásio), a corporeidade e os hábitos (como discutido por Merleau-Ponty e Bergson). Fundamentalmente, o trabalho ressalta o papel crucial das narrativas pessoais e, de forma ainda mais significativa, das relações interpessoais e da memória socialmente mediada (Vygotsky, Wegner et al., Sutton et al.). Essas interações funcionam como suportes externos e construtores do *self*, permitindo que a identidade se mantenha e se transforme mesmo quando as memórias individuais se fragmentam. A concepção de identidade narrativa de Paul Ricoeur emerge como um arcabouço teórico particularmente relevante, ao sugerir que o *self* é uma construção dinâmica que se desenvolve através das histórias que contamos sobre nós mesmos e que outros contam sobre nós.

A relevância e o impacto das discussões apresentadas manifestam-se em duas dimensões cruciais. No plano clínico, este estudo oferece subsídios valiosos para o desenvolvimento de práticas de cuidado mais humanizadas e centradas na pessoa, que visem à preservação da dignidade e do senso de *self* do paciente com Alzheimer. Ao reconhecer a importância das interações sociais e das narrativas compartilhadas, é possível informar abordagens terapêuticas que vão além do tratamento dos sintomas, focando na qualidade de vida e na manutenção da identidade. No plano teórico, a investigação contribui significativamente para o diálogo entre Psicologia e Filosofia, fornecendo *insights* empíricos para questões fundamentais sobre a natureza da identidade pessoal, da consciência e da temporalidade da experiência humana, e desafiando concepções reducionistas do *self*.

Para futuras investigações, sugere-se aprofundar os estudos sobre a eficácia de intervenções terapêuticas baseadas em abordagens narrativas e relacionais, explorando como a cocriação de histórias e o suporte social podem ser otimizados para promover a reconstrução da identidade em pacientes com Alzheimer. Adicionalmente, a pesquisa pode se beneficiar de uma análise mais detalhada de como as memórias não-declarativas e os hábitos corporais

podem ser ativamente utilizados na promoção do bem-estar e na manutenção de um senso de continuidade pessoal. No campo filosófico, há espaço para explorar as nuances da ética do cuidado em contextos de perda cognitiva severa, bem como aprofundar a fenomenologia da experiência do *self* fragmentado.

Em suma, este trabalho reforça a ideia de que a identidade humana é intrinsecamente relacional e narrativa, persistindo e se reconfigurando mesmo diante dos desafios impostos pela doença de Alzheimer. Sublinha, assim, a necessidade de uma abordagem holística que valorize a complexidade do ser humano e o poder das conexões interpessoais na definição de quem somos.

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, C. Narrative, citizenship and dementia: The personal and the political. *Journal of Aging Studies*, v. 22, n. 3, p. 222-228, 2008.
- BERGSON, H. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Obra original publicada em 1896).
- DAMÁSIO, A. O livro da consciência: A construção do cérebro consciente. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.
- HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Narrative and identity in Alzheimer's disease: A case study. *Journal of Aging Studies*, v. 24, n. 1, p. 40-47, 2018.
- KONTOS, P.; MARTIN, W. Embodiment and dementia: Exploring critical narratives of selfhood, surveillance, and dementia care. *Dementia*, v. 12, n. 3, p. 288-302, 2013.
- LOCKE, J. Ensaio sobre o entendimento Humano. Oxford: Clarendon Press, 1975. (Obra original publicada em 1689).
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Obra original publicada em 1945).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Dementia fact sheet. 2025. Disponível em: www.who.int. Acesso em: 29 maio 2025.
- PARFIT, D. Reasons and persons. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- RICOEUR, P. O si-mesmo como um outro. Tradução de K. Blamey. Chicago: University of Chicago Press, 1992. (Obra original publicada em 1990).
- SACKS, O. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu. Tradução de L. T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Obra original publicada em 1985).
- SCHACTER, D. L. Os sete pecados da memória: Como a mente esquece e lembra. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SCHECHTMAN, M. The narrative self. In: GALLAGHER, S. (Ed.). The Oxford handbook of the self. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 394-416.

SQUIRE, L. R.; WIXTED, J. T. The cognitive neuroscience of human memory since H.M. Annual Review of Neuroscience, v. 34, p. 259-288, 2011.

SUTTON, J.; HARRIS, C. B.; KEIL, P. G.; BARNIER, A. J. The psychology of memory, extended cognition, and socially distributed remembering. Phenomenology and the Cognitive Sciences, v. 9, n. 4, p. 521-560, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WEGNER, D. M.; GIULIANO, T.; HERTEL, P. T. Cognitive interdependence in close relationships. In: ICKES, W. (Ed.). Compatible and incompatible relationships. New York: Springer-Verlag, 1985. p. 253-276.